

ESPINOSA: UM PEDAGOGO DA ALEGRIA?

Wanderley C. Oliveira

Departamento das Ciências da Educação - FUNREI

Spinoza

As translúcidas mãos do judeu
lavram na penumbra os cristais
e a tarde que morre é medo e frio.
(As tardes às tardes são iguais.)
As mãos e o espaço de jacinto
que empalidece no confim do Gueto
quase não existem para o homem quieto
que está sonhando um claro labirinto.

Não o turba a fama, esse reflexo
de sonhos no sonho de outro espelho,
nem o temeroso amor das donzelas.
Livre da metáfora e do mito
lavra em árduo cristal: o infinito
mapa Daquele que é todas suas estrelas.

(BORGES, Jorge L. *Nova antologia pessoal*. Rio de Janeiro : Sabia, 1969. p. 35).

Resumo: Trata-se de uma pequena apresentação da obra, vida e filosofia de Espinosa, enfocando a relação entre biografia e bibliografia, as teses que fizeram do espinosismo um escândalo para sua época, a teoria das afecções e, sobretudo, os modos de vida, onde sugerimos a possibilidade de se pensar a *Ética* espinoseana como uma verdadeira pedagogia da alegria.

Palavras-Chave: Alma. Desejo. Alegria. Tristeza.



Abstract: It is a small presentation of the work, life and philosophy of Espinosa, focusing the relationship among biography and bibliography, the theses that did a scandal of Espinosa's ideas for your time, the theory of the affections and, above all, the life manners, where we suggested the possibility to think Espinosa's Ethics as a true pedagogy of the happiness.

Key word: Soul. Desire. Happiness. Sadness.

Introdução

Antes de passarmos para a apresentação de alguns aspectos do pensamento de Espinosa, o filósofo, sugerimos apresentar, o primeiro, a vida de Espinosa, o homem. Pois, se é verdade que a arte se engendra na vida, também é possível pensar que a vida, encantada com sua criação, tenda a imitar a arte. Deste ponto de vista, a biografia de Espinosa torna-se

duplamente interessante. Primeiro, porque percebemos que a vida deste filósofo foi animada pelo mesmo espírito que engendrou sua filosofia. Segundo, porque, em Espinosa, teremos esta íntima cumplicidade do pensamento e da vida, na qual, o pensamento, mais que interessantes investigações teóricas, sugere ao homem ocidental uma verdadeira arte de viver.

Dando por suficiente estes motivos, passemos à biografia de Espinosa,

para a qual nos servimos de Delbos (1925), Deleuze (1981) e Verneaux (1963).

1. Espinosa: vida e obra

1.1. O nascimento, a família, os estudos e a ruptura com a comunidade judaica.

Espinosa nasceu num bairro judeu de Amsterdã no dia 24 de novembro de 1632. Sua família, judeus de origem espanhola, após se tornar suspeita de guardar a fé judaica, mesmo tendo-a abjurado publicamente para serem aceitos na Espanha, para escapar da perseguição religiosa e praticar sua fé, deixa este país.

O pai de Espinosa, Miguel de Espinosa, foi para Portugal e se instalou em Figueira, perto de Coimbra, casando-se, aí, pela terceira vez, com Ester, parente vinda de Lisboa. A outra parte da família foi para França. Contudo tanto em França quanto em Portugal, países extremamente católicos, a situação dos judeus emigrados não era boa.

Assim, a família reuniu-se, novamente, em Amsterdã, na Holanda, onde, apesar do calvinismo dominante, havia suficiente liberdade religiosa para os judeus. A mãe de Espinosa, Ana Débora, morreu quando ele tinha apenas seis anos (1638). Dos seis filhos de Miguel de Espinosa, quatro morreram prematuramente, sobrevivendo apenas Espinosa e Rebeka, filha do primeiro casamento.

Espinosa realizou seus estudos primários na escola judaica de Amsterdã, da qual saiu em 1650. Nesta escola familiarizou-se, quase que exclusivamente, com uma literatura repleta de idéias religiosas e

doutrinas teológicas. O pai de Espinosa, comerciante, queria o filho no negócio da família, para o qual Espinosa não tinha qualquer afeição. Assim, desejoso de prosseguir seus estudos, Espinosa optou pelo rabinato.

No período de preparação para o rabinato, Espinosa aprendeu hebraico, tomou contato com os comentários clássicos da Bíblia, o Talmud, a Cabala, a filosofia judaica medieval, a literatura clássica e a nova filosofia (o cartesianismo). Além de aprender latim e hebraico e estudar matemática, física, mecânica, astronomia e outras ciências da natureza. Aos 22 anos, Espinosa já era homem de um saber bastante variado.

Absorvido por seus estudos e reflexões, Espinosa foi se distanciando da fé judaica, deixando de observar as complicadas práticas do judaísmo e de freqüentar a sinagoga. Tal afastamento do judaísmo se fez cada vez mais visível para a comunidade judaica. Assim, para salvar as aparências, os rabinos, após muito ameaçar Espinosa, contudo, sem obter resultados, ofereceram-lhe uma "pensão" para que se mantivesse, pelo menos, na postura exterior de um crente. Espinosa execrou este contrato hipócrita.

Como as ameaças eram infrutíferas, os rabinos decidiram mover contra Espinosa a máquina da jurisdição eclesiástica judaica. Submeteram o filósofo a um interrogatório e concluíram que, além de não acreditar mais na religião judaica, Espinosa havia infringido diversas prescrições de Moisés.

Propuseram, assim, a Espinosa que

ele se "reconvertesse" ao judaísmo e como ele não se dispôs a isto, deram-lhe a excomunhão menor, ou seja, Espinosa deveria ficar trinta dias fora da comunidade judaica, para refletir suas atitudes. Expirou o tempo e Espinosa voltou com as mesmas disposições de inteligência e de vontade e, mais que isto, com um texto onde ele procurava mostrar o caráter extremamente antropológico do Antigo Testamento.

Diante da impertinência do jovem filósofo, só restou aos rabinos dar a ele a excomunhão maior. Assim, no dia 27 de julho de 1656, o jovem Baruch de Espinosa, com 24 anos incompletos, na sinagoga de Amsterdã, diante de toda a comunidade, foi, solenemente, excomungado. Contam que o mestre de cerimônia apagou as luzes da sinagoga e disse a Espinosa: "Você vai ficar assim, no escuro". Não sabia ele que Espinosa já se guiava por sua própria estrela.

Retirando-se da cidade, Espinosa ficou poucos meses em seu exílio. Ele retornou a Amsterdã onde ficou até o começo de 1660, quando decidiu se mudar para Leyde, arredores de Riynsburg, após ter sido vítima de um atentado a faca por parte de um fanático religioso enquanto participava, com sua família, de uma procissão religiosa.

1.2 As mudanças, os escritos, os amigos e a morte.

Em Leyde, Espinosa prosseguiu seus estudos de filosofia, que não havia interrompido em Amsterdã, aí reencontrou também antigos conhecidos, na sua maioria, cristãos liberais e

anti-clericais.

Por ter sido excomungado, Espinosa não podia receber a herança do pai, falecido em 1654. Assim, para sobreviver, tornou-se polidor de lentes, o que favoreceu seu contato com intelectuais da época.

Em Leyde, Espinosa começou, efetivamente, a escrever. Em 1660, expôs aos amigos de Riynsburg o "Breve Tratado" que, do latim, foi traduzido para o holandês por um amigo de Espinosa. No ano seguinte começou o "Tratado da Reforma do Entendimento" que ficou inacabado. Por volta de 1663 redigiu os "Princípios da Filosofia de Descartes" acrescentando os "Pensamentos Metafísicos", este trabalho foi publicado por seus amigos.

Neste ínterim, Espinosa já havia se mudado para Riynsburg. Sua estadia em Riynsburg foi importante para o avanço de suas idéias. Nesta cidade, ele redigiu ainda o essencial do primeiro livro da "Ética".

Como sempre, morando em pensões, Espinosa se instalou, em seguida, em Voosburg, perto de Haia, importante centro político na época. Em Voosburg prosseguiu a redação da "Ética", projeto desde 1661, e tornou-se amigo do grande pensionário Jean de Witt, que lhe ofereceu uma pensão de 200 florins para que continuasse seus estudos. Em Riynsburg seus amigos e discípulos haviam formado um "grupo de estudo" para sua doutrina. Espinosa contava com 31 anos de idade.

Jean de Witt, eminente político

republicano, combatia o espírito de dominação da igreja calvinista e era oposição aos orangistas, partidários da formação de um estado forte e centralizado, que eram apoiados pelos calvinistas¹.

Esta situação inspirou a Espinosa a redação de um livro que tratasse das relações da Igreja com o Estado. Surge, então, em 1670, sem o nome do autor e numa falsa edição alemã, o livro maldito de Espinosa: *O Tratado Teológico Político* (sigla T.T.P): 1) explicando os princípios da constituição do Estado, 2) defendendo a liberdade de pensamento e 3) propondo o problema da natureza da fé e das relações da teologia com a razão. Logo descobriram que o T.T.P era obra de Espinosa. Poucos livros na história da filosofia suscitaram tantas refutações, insultos e maldições como o T.T.P.

Nesta época, de tempos fechados para Espinosa, ele se transferiu para uma outra pensão em Haia, talvez para não se expor a maiores perigos e ficar mais diretamente sobre a proteção de Jean de Witt.

Depois do T.T.P., palavras como "espinosista" e "espinosismo" transformaram-se em injúrias. Koerbagh

¹ A Holanda conquistou sua independência da Espanha somente em 1648. Portanto, a Holanda de Espinosa é um país que está em processo de afirmação enquanto nação independente e os orangistas são os principais responsáveis pela importante frota holandesa, a Companhia das Índias Ocidentais ou a Cia. de Orange, a mesma que invadiu a Bahia em 1624 e Pernambuco em 1630.

(1669), por ser acusado de espinosismo em seu dicionário de filosofia, morreu na prisão. Se Espinosa não teve a mesma sorte ou pior (seu antigo mestre, ex-jesuíta, em Amsterdã morreu enforcado) foi graças, talvez, à sua fama e à sua amizade com De Witt.

Por volta de 1672, a situação política muda totalmente na Holanda. Apoiados pela invasão francesa, os orangistas sobem ao poder e instigam o povo contra os irmãos De Witt, que são massacrados pela turba. A morte dos De Witt, tal como se deu, causou viva comoção em Espinosa, que chegou, até mesmo, a preparar um cartaz no qual chamava os habitantes de Haia de "os últimos bárbaros". Este cartaz, Espinosa pretendia afixá-lo no lugar onde os De Witt foram assassinados. O amigo e dono da pensão onde ele se hospedava o dissuadiu desta manifestação imprudente.

Espinosa se encontrava desprotegido e silenciado. A *Ética*, seu livro mais importante, já estava terminado, porém, não podia ser publicado; visto que, facilmente, seus opositores poderiam se queixar diretamente dele com o príncipe e com os magistrados daquele governo. Muitos intelectuais desejosos de conhecer a "Ética" visitaram Espinosa. Por exemplo, Leibniz em 1676.

Em 1673 ofereceram a Espinosa a cadeira de professor de filosofia em Heidelberg (onde 100 anos mais tarde Hegel lecionaria). Após muito refletir, pois sua situação econômica não era boa, Espinosa recusou o convite temendo comprometer sua liberdade de pensamento.

Sem bens e doente, o pó-de-vidro que inspirava ao polir lentes causou-lhe silicose, Espinosa começou a redigir o "Tratado Político", que não terminou.

Iniciando o ano de 1677, Espinosa adoeceu seriamente. Em 20 de fevereiro, entreteu-se com Henri Van der Spick e sua mulher, donos da pensão, fumou em sua piteira, como de costume. No dia seguinte, domingo, não saiu do quarto. Van der Spick chamou um médico, amigo de Espinosa, que ficou com ele, enquanto Van der Spick e sua mulher iam ao culto dominical do entardecer. Na presença de seu amigo médico, Espinosa morreu na mais perfeita paz de espírito, como enfatiza alguns biógrafos.

Espinosa tinha 44 anos e menos de três meses de idade. Seus bens, vendidos, mal deram para pagar o enterro. Sua mais preciosa propriedade, seus escritos, foram recolhidos pelos amigos, que, contrariando a última determinação do filósofo, não os queimaram; pelo contrário, em novembro daquele mesmo ano, publicaram as *Obras Póstumas* de Espinosa. A primeira edição não trazia o nome do autor, como houvera pedido outrora o próprio Espinosa.

Nenhum filósofo foi mais odiado e injuriado que Espinosa, mas nenhum outro foi mais digno que ele (Deleuze). Sem regras exteriores para o dirigir, sem sociedade espiritual para o proteger, Espinosa tirou, unicamente, de seu pensamento a lei suprema para o seu viver. É um pouco deste pensamento que passamos a apresentar.

2. As teses que fizeram do espinosismo um escândalo²

2.1 A desvalorização da consciência em prol do corpo. Espinosa: o materialista.

O corpo é a nova matriz da reflexão filosófica proposta aos filósofos por Espinosa. Não se sabe o que um corpo pode, qual o seu poder e se fala tanto do domínio da alma sobre ele. Neste caso, para Espinosa, tagarela-se o que não se sabe. Para ele, não existe qualquer superioridade da alma sobre o corpo e vice-versa. O que é ação no corpo é ação na alma e o que é paixão na alma é paixão no corpo. Não existe qualquer domínio de um sobre o outro. Assim como temos pensamentos que ultrapassam a consciência que possuímos deles; da mesma forma, o corpo supera nosso conhecimento sobre ele. Paralelo ao inconsciente do pensamento está, de forma não menos profunda, o desconhecido do corpo. "O que pode um corpo?" é uma questão em aberto ainda hoje.

2.2 A desvalorização de todos os valores e sobretudo do bem e do mal em prol do "bom" e do "mau". Espinosa: o imoralista.

Para Espinosa existe apenas os corpos e, entre os corpos, suas relações, seus encontros, que se compõem ou não. A ignorância desta verdade é que deu origem a moral do bem e do mal, transcendentais e metafísicos, aos quais, o homem, se preciso for, deve inclusive, sacrificar sua vida. Na realidade, para Espinosa,

² Este tópico é um resumo do segundo capítulo do livro de DELEUZE (s.d), *Espinosa e os Signos*, p. 25-42.

só existe o bom e o mau, segundo os encontros dos corpos, que se compõem ou não uns com os outros, aumentando ou diminuindo sua força para existir ou sua potência para agir. Ao invés do bem existe o bom e bom é tudo aquilo que convém com a nossa natureza, compondo-se com ela e aumentando nossa força para existir ou nossa potência para agir. Ao invés do mal existe o mau e mau é tudo aquilo que não convém com nossa natureza, não compondo com ela e diminuindo nossa força para existir ou nossa potência para agir. Bom e mau é tudo o que existe e jamais bem e mal.

2.3. A desvalorização de todos os sentimentos tristes em prol da alegria. Espinosa: o ateu.

A filosofia de Espinosa se ergue em favor da vida e contra tudo que nos separa dela: bem, mal, mérito, culpa, perdão, pecado, ódio, enfim, todo tipo de tristeza. A filosofia de Espinosa denuncia todas as falsificações da vida pelas quais pensamos viver quando, na verdade, cultivamos a morte. Espinosa denuncia todo sentimento triste, que não compondo com nossa natureza, diminui nossa força para existir, nossa potência para agir, sendo-nos, por isso, nocivo, mau e inútil. Espinosa erige sua filosofia em prol da alegria, pois só a alegria compõe com nossa natureza e aumenta nossa força para existir ou nossa potência para agir sendo-nos, por isso, útil e boa.

3. O Conatus

Esta força para existir ou potência para agir de que temos falado acima é o

conatus. O *conatus* é a essência de todo corpo. E por essência entenda-se aquilo sem o qual uma coisa não pode existir e sequer ser concebida. Logo, sem *conatus* um corpo não pode existir e sequer ser concebido.

Portanto, o *conatus*, enquanto essência do corpo, é aquela força do corpo para continuar na sua existência, ou seja, continuar sendo o que é, afirmando sua existência, afirmando as relações que o compõe.

No homem, o *conatus*, quando considerado no corpo e na alma, chama-se apetite (e podemos entender como apetite afirmativo da vida). Quando ao *conatus* se acrescenta a consciência que temos dele, ele passa a se chamar desejo.

Concluindo, a essência de qualquer corpo considerado nele mesmo é o *conatus*, ou seja, esforço afirmativo de sua existência. Portanto, nenhum corpo, por sua própria natureza (essência), procura sua própria destruição. Esta só lhe advém do exterior, de causas exteriores a sua essência (inclusive, no suicídio, como veremos no item 6 deste texto). É nesse sentido que a morte, para Espinosa, é sempre um acontecimento violento.

4. As Afecções Básicas: a Alegria, a Tristeza e o Desejo

Se considerarmos que tudo o que existe são corpos que se afetam entre si sendo úteis (bons) ou inúteis (maus) uns para os outros à medida que aumentam ou diminuem seus *conatus* (força para existir); a alegria será aquele sentimento advindo de uma

afecção boa ou útil a nossa existência, posto que aumenta nosso *conatus*. A tristeza, por sua vez, será aquele sentimento ocasionado por uma afecção ruim (inútil) a nossa existência, posto que diminui nosso *conatus*³.

Quando à alegria se liga a idéia do ser que a causa, o sentimento que temos por este ser se chama amor: o amor é a alegria acompanhada da idéia do ser que a causa. Quando à tristeza se acrescenta a idéia do ser que a causa, o sentimento que experimentamos por este ser se chama ódio: o ódio é aquela tristeza acompanhada da idéia do ser que a causa.

Alegria, tristeza e desejo são as afecções básicas. Todas as demais afecções se ligam a elas. Em todo sentimento, de amor, de ódio etc, no fundo encontramos a alegria, a tristeza e o desejo. Se estas afecções básicas se diversificam e se complicam tanto dando origem a um "sem fim" de outras afecções, isto se dá apenas em virtude das relações extrínsecas que as ligam umas com as outras ou as ligam a certas idéias, tal como veremos a seguir.

Uma simples relação de simultaneidade entre duas afecções, por exemplo, pode fazer com que uma ou outra afecção provoque acidentalmente a alegria, a tristeza e o desejo. Pode

³Deixamos implícito um outro importante postulado espinosista: para cada afecção do corpo, corresponde-lhe um sentimento (*affectus*) na alma. Para uma afecção boa (útil) corresponde a alegria, para uma afecção ruim (inútil) corresponde a tristeza e assim por diante.

haver ainda uma flutuação de sentimentos, resultado da fusão de duas afecções contrárias, uma de tristeza e outra de alegria. Nestes casos amamos detestando ou detestamos amando um mesmo ser que nos afeta seguidamente de tristeza e/ou de alegria.

Considerando também que a simples idéia de uma coisa passada ou futura pode nos afetar, a alegria ligada à idéia de uma coisa boa que pode nos acontecer se chamaria esperança; ao passo que a tristeza ligada à idéia de uma coisa ruim que pode nos acontecer se chamaria ansiedade. E como esperança e ansiedade estão, ambas, ligadas ao futuro incerto, é fácil perceber que elas sempre se mesclam uma com a outra; pois, o que espero de ruim pode não me acontecer, mescla-se, assim, esperança com a ansiedade; porém, o que espero de bom pode também não me acontecer, mescla-se, então, a ansiedade com a esperança. A tristeza ligada à idéia de uma coisa ruim que inevitavelmente vai me acontecer se chamaria desespero.

Considerando, ainda, que o modo pelo qual são afetados os seres que amamos ou odiamos também nos afeta, aquela tendência à rir ou chorar com quem amamos se chamaria simpatia; já na antipatia entristecemos nos com a felicidade de quem odiamos e nos rejubilamos com sua desgraça.

Quando alguém tira a sua alegria de algo que só ele possui e que nós desejamos, o sentimento que surge em nós se chamaria inveja ou ciúme. Do mesmo modo, ao amor se mistura o ciúme quando imaginamos o ser que amamos amando outrem. Quando

nosso amor tem retorno, glorificamos. Mas se este amor diminui, divide-se ou cessa de se manifestar, cresce em nós, acompanhado de mil inquietudes, o ódio pelo ser que amamos e o ciúme do seu olhar para outro que, melhor do que nós, ocupa seu coração. E se por fim, perdemos o ser amado para este outro, tão grande tenha sido o amor por ele, tão grande será o ódio, que se alimenta nas fontes da tristeza do amor decaído.

Por outro lado, o amor pode surgir do ódio superado. Neste caso, amamos aquele que odiávamos, como se o ódio de outrora nunca tivesse existido: eu queria tanto você e você não me queria, por isso eu lhe odiava, meu ódio era um esforço para escapar da tristeza de não ser querido por você, mas agora que você me quer, é como se eu nunca tivesse ti odiado⁴.

Concluindo a exposição das afecções básicas (alegria, tristeza e desejo) como fonte de todas as outras, pode-se dizer que: 1) A todo corpo corresponde um poder de ser afetado que é sempre e necessariamente preenchido por uma infinidade de afecções. 2) Existe tantas espécies de alegrias, tristezas e desejos quanto são as espécies dos objetos que nos afetam direta ou indiretamente. 3) Acrescenta-se à variedade das afecções, a variedade dos indivíduos e de suas disposições, que fazem com que eles sejam afetados de diferentes formas por um mesmo objeto. Enfim, são possíveis infinitas combinações entre a alegria, a tristeza e o desejo.

⁴ Nestes casos, tem-se, mais uma vez, o *conatus* agindo, quer pelo ódio, quer pelo amor, no sentido de afirmar a existência ou a vida.

5. Os modos de vida

Podemos dizer, então, que no bailar infinito das afecções, o homem é levado da alegria para a tristeza ou da tristeza para a alegria à revelia de suas afecções, sobre as quais ele não tem qualquer poder? Por outras palavras, considerando que: 1) determinado pelo seu *conatus* a agir sempre afirmando sua existência e 2) correspondendo ao seu corpo um poder de ser afetado que é, necessariamente, preenchido a partir de seus encontros, 3) podemos dizer, então, que o homem vive levado à deriva no mar tempestuoso das afecções? A resposta a esta questão pode ser sim e não.

O homem, à medida que é racional, pode, pelo esforço da razão, exercitar-se para escapar do fluxo heteronômico das afecções no qual é, na maioria das vezes, afetado mais por tristezas que por alegrias, para um outro modo de vida no qual se esforçará, conscientemente, por organizar seus encontros de forma a ser afetado mais de alegria que de tristeza.

Existem, portanto, dois modos de vida: 1) a vida do homem passivo, que vive entregue aos seus encontros, nada fazendo para orientá-los de forma a experimentar mais alegrias que tristeza; e, 2) a vida do homem ativo, que, pelo esforço da razão, busca orientar seus encontros de forma a experimentar mais alegrias que tristezas.

Por estes dois tipos de vida percebemos que a alegria está vinculada à ação e à liberdade, ao passo que a tristeza está vinculada à servidão (ou

passividade) e à paixão⁵. Ação e paixão são opostas uma a outra em Espinosa. Mas o que é uma e o que é outra?

A paixão é aquela afecção que nos advém do exterior e da qual não temos uma idéia clara e distinta. A paixão em nós é como uma consequência sem premissas, um efeito do qual desconhecemos a causa, uma presença injustificada dentro de nós nos causando alegria ou tristeza sem sabermos porque⁶.

Entregue às paixões, o homem vive como um escravo, sua vida é passivamente conduzida pelos sentidos e pela imaginação. Neste modo de vida, segundo Espinosa, o homem experimenta mais tristezas que alegria; ele mais reage do que age, porque, ao invés de buscar ativamente a alegria, ele vai buscar afastar a tristeza⁷.

A tendência ao suicídio tem seu lugar numa vida totalmente dominada por paixões tristes que favorecem o advento de paixões ainda mais tristes que, cada vez mais, diminui a força para existir e a potência de agir do ser que assim é afetado, até que,

⁵ Um texto interessante sobre esta passagem da "servidão à liberdade" em Espinosa é o de Fraisse (1978).

⁶ Mais uma vez deixamos outro ponto importante implícito: entre as paixões existem as que nos afetam de tristeza e as que nos afetam de alegria. Portanto, a tristeza não é inerente à paixão, existem também paixões alegres. Inerente à paixão é o fato de ela ser sempre uma afecção não esclarecida.

⁷ Afastando a tristeza ou buscando a alegria, em ambos os casos, o conatus atua no mesmo intuito de afirmar a existência.

contemplando sua total impotência e inaptidão para a vida e para a alegria, preso à idéia fixa de seu desespero, totalmente determinado por paixões de tristeza, o ser se destrói.

Portanto, de forma alguma o suicídio é uma das vias, a mais perversa, pela qual seguiria o desejo. Pelo contrário, o suicídio é o desabamento do desejo por causas exteriores ao próprio desejo: a morte nunca é desejada por ela mesma e o postulado espinosista resta intocado: nenhum ser por sua própria natureza procura sua própria destruição.

A ação, por sua vez, é a paixão compreendida. Ao contrário da paixão, a ação é a afecção da qual temos uma idéia clara e distinta de sua causa. A ação corresponde à vida ativa, que é a verdadeira forma de viver. Na vida ativa buscamos, guiados pela razão, experimentar mais alegrias que tristezas.

6. Uma pedagogia da alegria?

Da ação sempre advém a alegria. Sempre que somos senhores de nossas afecções, elas são ativas, ou seja, nós as causamos racionalmente ou apreendemos suas causas clara e distintamente. A afecção ativa afeta-nos sempre de alegria.

Portanto, bem agir e manter-se na alegria é a regra da vida, pois, só a alegria é o seu objetivo digno. Por esta verdade ter sido esquecida, as coisas perderam seu verdadeiro nome: o sofrimento torna-se mérito e a alegria, culposa. O homem trocou a razão pela fé ingênua, a ação pelo escrúpulo, a vida pela aparência de vida: a morte

travestida.

Por oposição ao homem escravo da opinião e da paixão e que verdadeiramente não sabe o que faz, Espinosa contrapõe o homem livre, guiado pela razão e agindo pelo conhecimento.

Entretanto, é importante considerar que, para Espinosa, o homem, mesmo agindo pela razão, não tem a faculdade para se apropriar, segundo suas conveniências, do mundo exterior, cuja potência ultrapassa infinitamente a sua. Contudo, agindo sempre pela razão, mesmo aquelas tristezas inevitáveis que lhe advêm, conhecendo-as como necessárias (inevitáveis), ele padecerá menos delas, podendo agir mais sobre elas.

Para Espinosa, é certo que o conhecimento nunca extirpará de nossa vida toda paixão, trata-se sempre de proporção: buscar, racionalmente, experimentar mais afecções passivas de alegria (paixões alegres) que afecções passivas de tristeza (paixões tristes); e mais afecções ativas de alegria (alegrias ativas) que afecções passivas de alegrias (alegrias passivas ou paixões alegres).

Entretanto, na luta entre paixão e ação, imaginação e razão, a imaginação tem a seu favor toda a força dos hábitos⁸ anteriormente adquiridos por anos de vida passiva. Nestes hábitos, adquiridos por toda uma vida conduzida pela imaginação, a razão deve entrar como pedagoga e artista,

conduzindo-nos para fora dos hábitos de tristeza, levando-nos ao aprimoramento dos hábitos de alegria e à formação de mais hábitos de alegria por substituição aos de tristeza.

Contudo, esta empresa da razão, pedagoga e artista, não se dá de um momento para outro; ela pressupõe um longo exercício e muito tempo de aprendizado da atividade e da alegria.

Considerações finais

Se é válida, em Espinosa, a equação: ser ativo = ser alegre = ser educado. Par ser educado, na perspectiva de Espinosa, é preciso, cada vez mais, aprender o que pode o corpo, programar os bons encontros, refazer os hábitos pela razão, compreender e por no seu devido lugar em nossa vida as tristezas. Enfim, buscar o tempo todo, proporcionalmente, mais alegrias, que tristezas e mais alegrias ativas que alegrias passivas, procurando manter-se sempre na alegria, única forma digna de viver.

⁸Sobre o hábito em Espinosa, um bom texto é o de Bove (1991).

Referências Bibliográficas

BOVE, L. L'habitude, activité fondatrice de l'existence actuelle dans la philosophie de Spinoza. *Revue philosophique*, Paris, P.U.F., n. 1, p. 33-46, jan./mar. 1991.

DELBOS, Victor. *Figures et doctrines de philosophes*. 9 ed. Paris: Plon-Nourrit et Cie., 1925. Spinoza, p. 142-196.

DELEUZE, Gilles. *Spinoza: philosophie pratique*. Paris : Editions de Minuit, 1981.

_____. *Espinoza e os signos*. Porto - Portugal : Rés, s.d.

FRAISSE, J. C. *L'Oeuvre de Spinoza*. Paris : Vrin, 1978. Des passion à la beatitude, p. 175-293.

VERNEAUX, Roger. *Histoire de la philosophie moderne*. 11 ed. Paris : Beauchesne et ses fils, 1963. Spinoza, p. 52-65.